

**A RESSIGNIFICAÇÃO AFETIVA DAS MULHERES NEGRAS
EM “INSUBIMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES”**

Dauana Pinheiro Leal dos Santos (UNEB)

dauanaleal@hotmail.com

Nerivaldo Alves Araújo (UNEB)

neriaraujo@hotmail.com

RESUMO

Neste artigo, analisa-se os rastros nas narrativas das personagens Isaltina Campo Belo, Aramides Florença e Maria do Rosário Imaculada dos Santos, presentes nos contos que compõe o livro “Insubmissas lágrimas de mulheres”, de Conceição Evaristo (2016) para evidenciar de que maneira as cicatrizes do passado escravista causadas pela subalternização decorrente do fator raça e gênero impactam as relações afetivas dessas personagens no presente, e até que ponto esses rastros contribuem para a insubmissão feminina negra nos respectivos contos. As discussões desse artigo perpassam pelos estudos de intelectuais como Bell Hooks (2020), Walter Benjamin (1987) Jeanne Marie Gagnebin (2009) e Eric Hobsbawm (2013). As narrativas dos contos rompem o silenciamento imposto, rasura o código estabelecido. Mostram que, mesmo as relações afetivas das mulheres negras sendo atravessadas pelo racismo e sexismo que reduz esse corpo a condição de servil, hiperssexualizado, é possível ressignificar a afetividade através da rememoração cuidadosa do passado a partir das necessidades do presente.

Palavras-chave:

Insubmissão Feminina. Mulheres Negras. Ressignificação Afetiva.

ABSTRACT

In this article, we analyze the traces in the narratives of the characters Isaltina Campo Belo, Aramides Florença and Maria do Rosário Imaculada dos Santos, present in the short stories that make up the book *Insubmissas lágrimas de mulheres*, by Conceição Evaristo (2016) to highlight how the scars of the slaveholding past caused by the subalternization resulting from the race and gender factor impact the affective relationships of these characters in the present, and to what extent these traces contribute to the black female insubmission in the respective short stories. The discussions in this paper cut across the studies of intellectuals such as Bell Hooks (2020), Walter Benjamin (1987) Jeanne Marie Gagnebin (2009), and Eric Hobsbawm (2013). The narratives of the short stories break the imposed silencing, erase the established code. They show that, even though the affective relationships of black women are crossed by racism and sexism that reduces this body to a servile, hypersexualized condition, it is possible to re-signify affectivity through the careful remembrance of the past based on the needs of the present.

Keywords:

Affective Resignation. Black Women. Female Insubmission.

1. Introdução: Escutar o que diz o silêncio

Todos os que até hoje venceram participam de um cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo como de praxe. (BENJAMIN, 1987, p. 225)

A literatura não tem o compromisso com o real, mas busca aproximar-se através da verossimilhança. Como produto da linguagem e do social, organiza a sociedade dentro dos paradigmas dominantes a fim de elevar o poder desses grupos e conservar as relações estabelecidas, apagando a multiplicidade de narrativas. Desse modo, tanto as representações como os discursos construídos dentro da literatura canônica obedecem a um caráter dicotômico, hierárquico e hegemônico, haja vista que, dentro deste cenário os grupos marginalizados como é o caso das mulheres negras, são constituídos de forma estereotipada.

Walter Benjamin, em seu livro *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio Sobre a Literatura e História da Cultura*, afirma que a cultura, assim como os bens culturais, não está isenta dos fragmentos de crueldade, tão pouco o modo como se dá a transmissão cultural. Eles trazem consigo narrativas de glórias forjadas na exploração do outro.

As narrativas hegemônicas são contadas sob um único ponto de vista e, portanto, são perigosas à medida que esses discursos universalizantes e absolutistas silenciam os outros discursos. Contudo, o que esse silêncio diz? Qual a intenção dessas narrativas insurgentes?

Se de um lado tem-se a tentativa de silenciamento como uma forma de fazer esquecer ou apagar da memória as atrocidades do passado para que a injustiça continue a ocorrer. Por outro, principalmente nas narrativas pós-modernas, tem-se o desejo de trazer o ponto de vista dos que fazem parte dos grupos oprimidos. São nessas vozes atuais que se concentram as vozes que antes foram silenciadas, nelas aparecem os traumas, o grito e desejo de sarar as feridas que continuam latentes no presente. É devido à carência do agora que é necessário revisitar o passado, mas isso só é possível, neste caso, através da linguagem, da narrativa de experiências. Neste sentido, na memória, encontram os rastros que serão trazidos à tona motivados pelo desejo dos indivíduos ou do grupo em lembrar de determinados eventos. O registro na memória coletiva não pode ser apagado, pois o que está em jogo é a sobrevivência no agora.

Partindo desse pressuposto, o artigo objetiva analisar os rastros presentes nas narrativas de mulheres negras, personagens dos contos da

obra “Insubmissas Lágrimas de Mulheres”, da escritora contemporânea Conceição Evaristo (2016), para evidenciar de que maneira as cicatrizes do passado escravista causadas pela subalternização decorrente do fator raça e gênero impactam as relações afetivas dessas personagens, e até que ponto esses rastros presentes na memória contribuem para a insubmissão feminina negra.

As interferências nas formas de contato com o outro aqui referidas estão relacionadas às afecções que de acordo com Spinoza (2009) são os afetos originados a partir das relações entre corpos. Dependendo da maneira como este é afetado, pode potencializar ou não a forma de um ser agir no mundo. As afecções primárias como a alegria do qual o amor é formado, por exemplo, aumentam a potência de agir, portanto é caracterizado como uma ação, uma experiência. Em seu livro *Ética* Spinoza (2009) afirma que a intensidade do corpo em agir depende da forma como ele é afetado.

Em um contexto em que o corpo da mulher negra foi explorado, objetificado e silenciado, houve impacto nos modos de afetar e ser afetado prejudicando expansão do amor dentro dos relacionamentos. Por tudo isso, compreender de que maneira isso ocorreu é uma forma de resistência no presente. Para Hooks (2010), a escravidão e as desigualdades decorrentes desse sistema dificultaram a amplificação da capacidade de amar tanto no passado quanto no presente, pois os mecanismos de opressão foram se atualizando a partir de uma estrutura racista. Contudo, a autora alerta para a necessidade de reconhecer que as cicatrizes que carregamos foram causadas por esse sistema, por tudo isso analisar os rastros é necessário.

2. Ferida no corpo e ferida na alma

Nos contos “Aramides Florença”, “Maria do Rosário Imaculada dos Santos e “Isaltina Campo Belo”, que estão presentes na contística da obra “Insubmissas lágrimas de mulheres”, há uma única narradora que ao viajar por diversas cidades em busca de histórias de mulheres, pratica uma escuta sensível sem julgamentos ou opiniões. Tanto nos momentos em que a narradora dá voz às personagens deixando que eles assumam a narração, quanto nos contos em que ela mesma o faz, podemos perceber que experiências de dores, violências e abandono atravessam as relações dessas mulheres. As narrativas indicam que essas feridas abertas no passado são constantemente reabertas no presente. No conto “Maria do Ro-

sário Imaculada dos Santos”, o rastro do horror vem à tona no momento em que a personagem narra a experiência do momento em que fora rapta por um casal de sulistas durante a infância:

A lembrança do dia em que fui roubada voltava incessantemente, às vezes, com todos os detalhes, ora grosseiramente modificado. Na versão modificada, eu-menina era jogada no porão de um navio, pelo casal que tinha me roubado de casa. Além do constante retorno a essa dor, eu estava vivendo o final do meu segundo casamento. (EVARISTO, 2016, p. 52)

A dor sentida no presente aciona na memória da personagem o retorno a antigos traumas, ora provocado pelo sequestro na infância, ora a dor causada por semelhante evento que escravizou suas ancestrais e que permanece na memória coletiva do grupo da qual faz parte. Todavia, isso vai impactar a vida de Maria do Rosário de maneira cruel. O episódio resultou na interrupção dos afetos que foram construídos no convívio familiar da personagem causando uma ferida emocional. A partir desse momento as suas escolhas serão influenciadas pelo medo de que esse momento se repita justamente, porque ficou marcado na sua memória de forma traumática.³⁴ Para Kilomba (2019) o trauma das pessoas negras vai das questões familiares que costumam ser analisadas pela psicologia. Eles derivam do contato com a ordem estabelecida pelo mundo branco que os colocam na posição do outro. Neste sentido:

De repente, o colonialismo é vivenciado como real- somos capazes de senti-los! Esse imediatismo, no qual o passado se torna o presente e o presente opassado, é outra característica do traumaclássico. Experiência-se o presente como se tivesse no passado. Por um lado, cenas coloniais (o passado) são reencenadas através do racismo cotidiano (o presente) remonta cenas do colonialismo (o passado). A ferida além do presente ainda é a ferida do passado e vice-versa; o passado e o presente entrelaçam-se como resultado. (KILOMBA, 2019, p. 158)

O trauma interfere na capacidade de estabelecer vínculos afetivos. Observa-se que, em outro momento, a personagem relata sobre o seu receio de perder novamente a família, o que faz com que suas relações sejam transitórias: “Namorei, casei, descasei, algumas vezes. Filhos nunca tive, evitei e, às vezes que engravidei, não deixei chegar ao término. Não queria ter família, tinha medo de perder os meus” (EVARISTO, 2016, p.

³⁴ Em seu texto O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, Walter Benjamin compara a incapacidade de trocar experiências ao silêncio dos soldados vítimas do trauma causado pela guerra civil. A comunicação foi interrompida pelo evento traumático. Assim também ocorre com a personagem cuja capacidade de receber e dar afeto sofreu interferências do sequestro, além disso, não houve a experiência oriunda do contato com esses sentimentos.

51). Num contexto em que os afetos foram sufocados, a capacidade de agir em função desse sentimento também é diminuída, pois se desconhece aquilo que não foi vivido. Sobre essa questão Hooks (2000) afirma:

Nossas dificuldades coletivas com a arte e o ato de amar começaram a partir do contexto escravocrata. Isso não deveria nos surpreender, já que nossos ancestrais testemunharam seus filhos sendo vendidos; seus amantes, companheiros, amigos apanhando sem razão. Pessoas que viveram em extrema pobreza e foram obrigadas a se separar de suas famílias e comunidades, não poderiam ter saído desse contexto entendendo essa coisa que a gente chama de amor. (HOOKS, 2000, p. 112)

Embora os contos retratem contextos atuais, os rastros da simbiose temporal e histórica se fazem presentes. O corpo das mulheres negras personagens dos contos carregam os estigmas histórico e social que as colocam na condição subalterna. No conto “Isaltina Campo Belo”, a personagem que se descobre lésbica experimenta a dor que atravessa o corpo da mulher negra, como a violência e a solidão causadas pela objetificação e hiperssexualização como é visto no trecho que se segue:

Ele iria me ensinar, me despertar, me fazer mulher. E afirmava, com veemência, que tinha certeza do meu fogo, pois afinal, eu era uma mulher negra, uma mulher negra... [...] Cinco homens deflorando a inexperiência e a solidão do meu corpo. (EVARISTO, 2016, p. 64)

O estupro coletivo neste caso foi motivado pelo racismo, sexismo e a não aceitação da orientação sexual da personagem. O modelo hegemônico heteropatriarcal reprime e ameaça os que se desviam desse padrão. Contudo, a repetição da afirmação de que Isaltina era uma mulher negra por isso esse corpo comportava um desejo sexual desmedido comprova que se formou no imaginário coletivo através do discurso branco-cêntrico a imagem da negra voluptuosa e pervertida.

[...] Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras tem sido consideradas ‘só corpo sem mente’. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era exemplificação prática da ideia de mulheres desregradadas deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir a iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. (HOOKS, 1995, p. 469)

Conforme pôde-se observar que ao longo da história as imagens criadas em torno da mulher negra foi uma tática para manter o poder hegemônico e as normas que ele estabelece. A estrutura racista e sexista construiu uma fala mítica em torno do corpo da mulher negra. Em seu livro *Mito-*

logias, Barthes (2001) apresenta o mito como uma fala que necessita de uma matéria-prima para se reproduzir, e dependendo da intencionalidade, se torna perigoso à medida que tem o poder de cristalizar uma ideia negativa em relação a algo ou alguém. No conto, podemos perceber a presença da fala mítica no momento em que o “pretensioso namorado” de Isaltina afirma ter a certeza de seu “fogo” por ela ser “uma mulher negra” (EVARISTO, 2016, p. 64). Neste sentido, reproduz o mito naturalizado ao longo da história no qual a sexualidade da mulher negra aparece constantemente associada a um desejo anormal e selvagem. Barthes (2001) mostra que o mito é um discurso histórico criado a partir de um sistema de seleção do espaço, tempo e evento. Para o teórico:

[...] é a história que transforma o real em discurso, é ela só ela que comanda a vida e a morte da linguagem mítica. Longínqua ou não, a mitologia só pode ter um fundamento histórico, visto que o mito é uma fala escolhida pela história não poderia de modo algum surgir da natureza das coisas. (BARTHES, 2001, p. 132)

Sendo assim, o mito é forjado em cima de algo que já existe, ou seja, é o discurso interessado na construção dos fatos históricos sob determinado ponto de vista. Compreende-se a partir dessa premissa que eventos e fatos históricos são diferentes. O primeiro é algo que ocorreu e não há como negar já o segundo origina-se de uma narrativa fundamentada no que Foucault (1996) denomina “vontade de verdade”³⁵.

Na fala mítica, há rastros da crueldade na medida em que as imagens para construir o outro foram fundamentadas no racismo e sexismo. Essa conjuntura se institucionaliza a partir da desvalorização da natureza feminina negra. De acordo com Hooks (2020):

A sistemática de desvalorização da natureza feminina negra não foi simplesmente uma consequência direta do ódio racial; foi um método calculado de controle social. Durante os anos da Reconstrução, pessoas negras alforriadas demonstraram que, se recebessem as mesmas oportunidades que eram dadas aos brancos poderiam ser bem-sucedidas em todas as áreas. Suas realizações desafiavam diretamente as noções racistas sobre a inferioridade nata de raças de cor. (HOOKS, 2020, p. 104-5)

Esses artifícios interferiram na autoconfiança e autoestima das mulheres negras e impactaram nas suas construções afetivas. Em “Vivendo de amor”, Hooks (2000, p. 111) afirma que “Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria a-

³⁵ Para Foucault (1996) em *A ordem do discurso*, a vontade de verdade é uma busca pelo poder. Neste sentido, esse desejo cria mecanismo de controle bem como instituições que validam essas verdades. Sendo assim a verdade é fabricada.

mando.” Na narrativa, Isaltina confessou que sentia-se destituída da humanidade: “Sentia-me como símbolo da insignificância. Quem eu era? Quem era eu?” (EVARISTO, 2016, p. 65).

O mesmo sentimento associado à coisificação provocada pela dominação masculina é observado no conto “Aramides Florença”. Inicialmente, o relacionamento da personagem com o seu marido era harmonioso, porém, tudo mudou durante a gravidez. O pai da criança começou a apresentar comportamentos violentos e a todo momento tentava machucar a barriga da esposa:

Um dia, algo dolorido no ventre de Aramides inaugurou uma perturbação entre os dois. Já estavam deitados, ela virava para lá e para cá, procurando uma melhor posição para encaixar a barriga e, no lugar em que se deitou, seus dedos esbarraram-se em algo estranho. Lá estava um desses aparelhos de barbear, em que se acopla a lâmina na hora do uso. Com dificuldades de se erguer, gritou de dor. Um filete de sangue escorria de um dos lados do seu ventre. (EVARISTO, 2016, p.13)

O pai da criança queria a esposa só para ele, a ponto de violentá-la para satisfazer aos seus desejos. Conforme pode-se observar, o comportamento do marido de Aramides é muito parecido com as atitudes assumidas pelo colonizador no passado, ao reclamar o direito de usar as escravizadas do modo que quisesse. As práticas vistas e sentidas na pele durante a escravidão foram assimiladas e reproduzidas pelo povo negro com o passar do tempo, a naturalização da violência nada mais é do que uma forma de provar seu controle e dominação:

Ninguém por perto para socorrer o meu filho e a mim. Numa sucessão de gestos violentos, ele me jogou sobre a nossa cama, rasgando minhas roupas e tocando violentamente com a boca um dos meus seios que já estava descoberto, no ato de amamentação do meu filho. E dessa forma o pai de Emildes me violentou. E, em mim, o que ainda doía um ouço pela passagem de meu filho, de dor aprofundada sofri, senti o sangue jorrar (EVARISTO, 2016, p. 17)

Essa sensação de perigo experienciada por Aramides é a mesma sensação que as mulheres negras sentiam no passado ao sofrerem constantes assaltos sexuais. A presença do colonizador é reencarnada na pessoa do marido como um fantasma que a ameaça e também à sua prole. Aqui a mulher negra aparece como objeto de desejo sexual e o filho como objeto de ódio.

Era esse homem que me violentava, que machucava meu corpo e a minha pessoa, no que eu tinha de mais íntimo. Esse homem estava me fazendo coisa dele, sem se importar com nada, nem com o nosso filho, que chorava no berço ao lado. E quando ele se levantou com o seu membro murcho

e satisfeito, a escorrer o sangue que jorrava de mim, ainda murmurou entre os dentes que não me queria mais, pois eu não havia sido dele, como sempre fora, nos outros momentos de prazer. (EVARISTO, 2016, p. 18).

Nesse trecho, a solidão que afeta as mulheres negras decorrente de um sistema racista e sexista surge no momento em que esta é coisificada e o amor se faz ausente dando lugar à violência motivada pelo desejo de afirmação do poder e da virilidade masculina. Pacheco (2013) afirma que é na reciprocidade do ato de amar que as hierarquias sociais e as formas de representações criadas para caracterizar o corpo da negra se abrigam. As narrativas retratam eventos considerados comuns. Contudo, se pensarmos a sociedade a partir da estrutura social, econômica e levarmos em consideração as falas desses grupos sociais, perceberemos que as estratégias de desestruturação das relações e da autoestima das mulheres negras objetivam o controle social e manutenção do poder. Por tudo isso, é importante lembrar do passado, pois nele está a chance de ressignificar o presente. Concordamos com o pensamento de Hobsbawm (2013) ao dizer que:

O passado tem algo a nos ensinar. É inevitável que nos situemos no contínuum da nossa existência, da família, do grupo a que pertencemos. É inevitável fazer comparações entre o passado e o presente. [...] não podemos deixar de aprender com isso, pois é o que a experiência significa. (HOBSBAWM, 2013, p. 44)

O passado sempre estará presente mesmo que disfarçado na ideia do seu apagamento bem como no de seus rastros, pois é mais fácil controlar as novas gerações de um povo que se quer dominar quando este desconhece a sua história. À medida que a opressão se atualiza e com ela os objetivos, é difícil ser reconhecida e combatida podendo a qualquer momento haver uma repetição da barbárie. Como lutar contra o que não conhece e sequer se ouve falar? Lembrar do passado neste sentido não significa uma forma de apego doentio, mas o único modo pelo qual podemos transformar o presente, já que ele é um modelo para o agora no qual podemos nos diferenciar ou atualizar.

Pensar o processo de transformação, torna pertinente trazer para o cerne da discussão a noção desenvolvida por Gagnebin (2009) de rememoração, mecanismo que consiste em refletir sobre o passado a partir de uma atenção especial do presente. Neste sentido, é uma revisitação cuidadosa para alcançar novos objetivos. Para Benjamin (1987), o presente exerce uma grande responsabilidade em resolver os problemas anteriores, pois o passado ressurgiu de forma imperativa, como uma cobrança:

O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro de ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? [...] Neste caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para qual o passado dirige um apelo. (BENJAMIN, 1987, p. 223)

Neste sentido, a narradora da obra, exercerá o papel ao qual Gagnebin (2009) ao explicar a figura do narrador e do historiador em Walter Benjamin (1987), irá chamar de narrador sucateiro, ou seja, o responsável por recolher os restos que foram deixados, as pegadas que marcaram a caminhada através da narração da experiência das mulheres negras.

Gosto de ouvir, mas não sou hábil conselheira. Ouço muito. [...] entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta, o real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência. (EVARISTO, 2016, p. 7)

Durante esse processo desenvolve a escuta sensível e como afirma Gagnebin (2009, p. 54) “não deixa nada se perder”, transmitindo “o sofrimento indizível”, do qual Benjamin argumentou em seu texto e é retomado por Gagnebin (2009) para ampliar o conceito de testemunha:

Neste sentido, uma ampliação do conceito de testemunha seria necessária, testemunha não seria somente aquele que viu com seus próprios olhos, o *histor* de Heródoto, a testemunha direta. Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente. (GAGNEBIN, 2009, p. 57)

A narradora sente prazer na escuta sensível das personagens, assumindo também o papel de testemunhanão no sentido daquele que vê, mas o que ouve atenciosamente a narração das personagens não somente por compartilhar das mesmas experiências como mulher negra, mas porque essa transmissão real e ao mesmo tempo simbólica traz à tona o sofrimento impronunciável motivado pelo passado. O que Gagnebin (2009) defende ao desenvolver esse conceito de testemunha e de rastro é que os acontecimentos do passado não se repitam por diversas vezes, mas que se possa a partir dele reinventar o presente ressignificando-o.

3. Resignificar é estratégia de sobrevivência

As histórias de Maria do Rosário, Isaltina e Aramides foram estruturadas de uma forma peculiar. Apesar das construções e vivências afetivas serem atravessadas pelos eventos do passado, a autora Conceição Evaristo buscou construir uma narrativa na qual as personagens após superarem essas dores, contam suas histórias com finais felizes, possibilitando uma quebra de expectativa e convoca o leitor a perceber que a vida das mulheres negras não deve ser só marcada por mazelas. Ao fazer isso, a autora contraria o discurso hegemônico.

As mulheres negras estão inseridas dentro de um contexto social cuja estrutura as oprime, por tanto resignificar as construções afetivas é um meio de desobedecer à ordem preestabelecida, neste sentido, é configurado como um ato político. Transgredir é a única forma de sobreviver, pois no amor se aloja a força propulsora para continuar lutando por si mesmo e pelo coletivo.

Apesar do amor ser lembrado pelo que ele representa na sociedade, faz-se necessário, nesse contexto, refletir sobre o que não é amor. Em seu livro *Por que amamos: O que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor*, Nogueira (2020) traz a perspectiva da filosofia Dagara sobre os caminhos do amor e conclui que esse sentimento não é uma emoção individualizada, desse modo não se esgota em um indivíduo, mas envolve a coletividade e o apoio recíproco. Amar se configura como um ato, ação que leva ao crescimento espiritual e fortalecimento emocional individual e do outro. O amor é um afeto que possibilita o poder de expandir. Contudo a falta dele gera o efeito contrário, o que leva a compreender os motivos pelos quais a mulher negra é levada a estar só. Para Bell Hooks (2000, p. 115) “Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura.”

Os contos analisados à medida que denunciam através dos rastros a presença e as consequências insistentes do passado, também chama a atenção para a necessidade do cuidado emocional para que as mulheres negras vivam em sua totalidade. Para Hooks (2000), as mulheres negras precisam criar estratégias, reeducar-se para que isso aconteça. Nesse processo, curar as feridas e resignificar os afetos para se tornar mais forte individualmente e coletivamente é imprescindível, como podemos perceber no trecho do conto “Isaltina Campo Belo” no qual a personagem encontra na sua filha, fruto do estupro e posteriormente no encontro com

uma mulher, professora de sua filha a possibilidade de construção de amor e felicidade após anos de sofrimento consequência do terror sofrido:

Como chamamento à vida Miríades me surgiu. Eu nunca tinha sido de ninguém em oferecimento, assim como corpo algum tinha sido meu como dádiva. Só Miríades e tive. Só Miríades me teve. Tamanha foi a nossa felicidade. Miríades, Walquíria e eu. Minha menina, se pai não teve, de mãe, o carinho foi em dobro e em dose dupla. Hoje Miríades brinca de esconde-esconde em alguma outra galáxia. Ela jaz no espaço eterno. Tamanha foi a nossa felicidade. Das três. Miríades, Walquíria e eu. (EVARISTO, 2016, p. 67)

Assim como Isaltina, Aramides Florença deu um novo sentido a sua vida através do amor. A personagem encontrou na relação afetiva com seu filho, força para ir além da sobrevivência: “Esta é a minha criança, me disse a mãe, antes de qualquer outra palavra, o meu bem-amado. O nome dele é Emildes Florença” (EVARISTO, 2016, p. 9). O mesmo ocorre com Maria do Rosário Imaculada dos Santos quando é encontrada pela irmã 35 anos depois na mesma cidade em que foi raptada.

Quando acordei do desmaio, a moça do relato segurava a minha mão; não foi preciso dizer mais nada. A nossa voz irmanada no sofrimento e no real parentesco falou por nós. Reconhecemo-nos. Eu não era mais a desaparecida. E Flor de Mim estava em mim, apesar de tudo. Sobrevivemos, eu e os meus. Desde sempre. (EVARISTO, 2016, p. 54)

Observa-se que no conto o encontro com a família deu-se após Rosário fazer o percurso de volta para a sua cidade, o que simbolicamente representa uma revisitação de si mesma. A partir desse momento, a personagem é atormentada por constantes lembranças do passado. Após chegar ao seu limite de sofrimento ela apega-se aos estudos e foi nesse contexto escolar, durante um evento de palestras sobre crianças desaparecidas que ela é encontrada pela irmã. Rosário descreve o evento e o encontro como a sua salvação, levando a compreender, como a falta do laço afetivo provoca nela a sensação de perda.

O conto termina com uma forte crítica ao sistema racista e sexista que nas palavras de Sueli Carneiro (2011, p.127) provoca a sensação de “Asfixia social” nas mulheres negras, mas que “(...) apesar de tudo. Sobrevivemos, eu e os meus. Desde sempre.”

4. Considerações finais

A partir do exposto, concluímos que os rastros contidos nas narrativas das personagens confirmam que o racismo e sexismo como herança de um passado colonial influenciam diretamente nas construções das relações afetivas das mulheres negras, pois essas estruturas que ainda imperam no presente de forma dominante, estabelecem uma dinâmica social que colocam essas mulheres na condição de subalternizadas em detrimento da cor e do gênero.

Percebemos também que dentre todos os discursos construídos para caracterizar a mulher negra o de corpo servil é o que mais impacta negativamente a afetividade dessa mulher. Nos contos como Isaltina Campo Belo e Aramides Florença, as personagens mesmo acompanhadas de um “companheiro” foram exploradas e violentadas justamente em função de uma concepção que os homens compartilhavam de que o corpo da mulher negra deve estar sempre à disposição para fins sexuais, desse modo as relações foram construídas sob os moldes da dominação, subserviência e violência, o que nos leva a pensar que a solidão não se configura somente pelo fato de estar só ou ser preterida, mas principalmente pela falta ou interrupção do afeto como ocorreu no conto Maria do Rosário Imaculada dos Santos.

Neste sentido, a escolha por modelos de narrativas em que as personagens pudessem em alguns momentos narrar suas próprias histórias é entendida como uma maneira de chamar a atenção para o que as narrativas dos grupos silenciados escondem. As suas lembranças expõem os rastros de crueldades que ainda não foram resolvidas e que persistem. Mostram versões dos eventos que não foram trazidas pelos discursos oficiais.

Por isso, os rastros nas narrativas são elementos que não podem ser desprezados. Além do mais possibilitam que as mulheres negras encontrem meios de ressignificarem suas relações afetivas trazendo o amor para o centro de suas vidas. Isso acontece porque só olhando para o passado enxergamos a raiz do problema e só assim conseguiremos criar estratégias de mudança ou de sobrevivência. Sendo assim, a ressignificação das relações afetivas é um meio de insubmissão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. O mito, hoje. In: _____. *Mitologias*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 128-78
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio Sobre a Literatura e História da Cultura*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense. 1987.
- CARNEIRO, Sueli. *Racismo sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro. 2011.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2026.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34. 2009.
- HOBSBAWM, Erick. O que a história tem a dizer-nos sobre a sociedade contemporânea. In: _____. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das letras. 2013. p. 44-60
- HOOKS. Bell. Intelectuais negras. *Revista estudos feministas*, n. 2. 1995. p. 464- 78
- _____. *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminino*. Rio de Janeiro: Rosas dos tempos. 2020
- _____. Vivendo de amor. In: ____; WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITW, Evelin C. *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas/ Criola, 2000. p. 111-15
- PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Mulher Negra: Afetividade e solidão*. Salvador: EDUFBA, 2013.
- SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno. In: _____. *Nas malhas das letras: Ensaio*. Rio de Janeiro: Rocco. 2002. p. 44-60
- SPINOZA. Benedictus de. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- NOGUEIRA, Renato. *Por que amamos: O que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor*. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2020.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.